

MOVIMENTO FEMINISTA E QUESTÕES DE GÊNERO: UMA ABORGADEM NECESSÁRIA NA EDUCAÇÃO

Amábili Fraga

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, amabilifragaa@gmail.com;

Agatha da Rosa dos Santos

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, agatharosasantos@gmail.com;

Carolina Araújo Michielin

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, carolinaa.michielin@gmail.com;

Gabrielle Luana Rosinski

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, gabiluana@hotmail.com;

RESUMO

As diferenças sexuais entre mulheres e homens de fato existem, mas o gênero que falamos aqui está para além do significado biológico, mas sim imerso em um cenário político e identitário. A partir disso, é necessário olharmos para a importância das questões de gênero no currículo da educação básica, para quebrar com padrões impostos pela sociedade e dar espaços para os outros sujeitos, que são considerados invisíveis dentro desses espaços, é necessário que a formação docente prepare as futuras e os futuros profissionais para uma prática crítica que esteja apta a discutir e questionar o papel dos estudos de gênero na sociedade. Este artigo tem como objetivo destacar a importância da inserção das questões de gênero e da história do movimento feminista na educação básica. Esse trabalho se caracteriza como um estudo qualitativo, tendo como metodologia a pesquisa bibliográfica. A problematização e compreensão das relações de poder geradas a partir das relações de gênero permite que os/as estudantes reconheçam a

existência de diferentes identidades, combatendo-se assim, as discriminações e corroborando para um ambiente menos desigual. Inserir as questões de gênero dentro dos espaços escolares vai de encontro com alcançar a equidade e o respeito aos direitos humanos na sociedade.

Palavras-chave: Movimento feminista, Estudos de Gênero, Educação.

MOVIMENTO FEMINISTA E QUESTÕES DE GÊNERO

Atualmente temos sofrido com inúmeros retrocessos na vida política, vivenciando a perda de direitos que outrora foram conquistados. Nesse cenário, presenciamos uma parcela da sociedade que se coloca adversa as pautas feministas e as questões gênero, como se fosse preciso combatê-las, como se representassem uma ameaça. De acordo com Garcia (2011), se percorrermos a história do feminismo no mundo, é possível observar que esse movimento por vezes foi foco de campanhas que fizeram com que as pessoas acreditassem que ele fosse, de fato, um inimigo. Distorcendo a realidade de um feminismo que lutava pelos direitos das mulheres. As desigualdades entre homens e mulheres produziram discursos que possibilitassem justificar essa prática. Na Grécia Antiga, assim como na tradição judaico cristã, segundo Garcia (2011), Eva e Pandora exerceram o papel de mostrar que a curiosidade da mulher representava perigo e desgraças à humanidade, cenário que se reflete até hoje na sociedade. À vista disso, é imprescindível reconhecer a importância do feminismo frente a um mundo machista, no qual em 2018 mais de 4 mil mulheres sofreram com o feminicídio só no Brasil, segundo o Atlas da Violência de 2020 do Governo Federal. Enquanto isso, o cenário da Educação perpassa por inquietações e indagações que nos levam a refletir sobre as práticas pedagógicas instauradas no cotidiano escolar. Esses anseios estão relacionados à busca por uma educação que possa contribuir na formação dos/as estudantes, frente a uma sociedade que vive em constante mudança.

Considerando que a escola contribui na formação de seus sujeitos, é necessário reconhecer que, esse processo, muitas vezes, é vivenciado a partir de relações desiguais que precisam ser discutidas e questionadas. Nessa perspectiva, reconhecemos que os estudos de gênero necessitam estar presentes, tanto na sociedade, quanto nos espaços educativos, porém, ainda vemos grande resistência quando falamos em tratar deste tema nas salas de aula. Dessa forma, esse artigo tem como **objetivo geral** destacar a importância da inserção das questões de gênero e da história do movimento feminista na educação básica, a partir de uma formação docente que prepare o futuro/a professor/a para exercer esse papel.

QUESTÕES METODOLÓGICAS

Esse estudo se caracteriza como um trabalho qualitativo, utilizando como metodologia a pesquisa bibliográfica. Na pesquisa qualitativa não existe uma preocupação com a representatividade numérica, mas, sim, com a compreensão e interpretação das questões abordadas na produção de conhecimentos acerca de fenômenos humanos e sociais.

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (SILVEIRA; CÓRDOVA apud. DESLAURIERS, 2009, p.31).

Busca-se, assim, uma justificativa para os acontecimentos, sem quantificar as trocas simbólicas, visto que os dados analisados não são métricos (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). Já a escolha pelo método bibliográfico se dá em função de esse ser fundamentado em materiais obtidos a partir de documentos escritos, ou seja, fontes bibliográficas.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Para dar continuidade a pesquisa, foram trabalhadas, a partir do referencial teórico, as questões de gênero, afim de alcançar o objetivo elencado.

GÊNERO NO ENSINO: UMA ABORDAGEM NECESSÁRIA

O feminismo vem ao encontro de encerrar com discursos que mostram o masculino como universal. A teoria feminista, campo de estudos

acadêmicos centrado na mulher, se apresentou desde o início como um espaço aberto às discussões de gênero oriundos de uma sociedade sexista (HOOKS, 2019). O movimento feminista passou por mudanças quando, juntas, mulheres negras e brancas passaram a desafiar a ideia de que gênero determinava o destino da classe feminina (HOOKS, 2019). A partir do reconhecimento da relação entre gênero, raça e classe essa teoria concebeu um caráter revolucionário para o movimento feminista, em busca de desestruturar essa cultura patriarcal, oferecendo bases teóricas para esse movimento (HOOKS, 2019). Ademais, apresentou quatro conceitos que se tornaram indispensáveis para compreendermos a sociedade atual, dando amparo para que seja possível identificar os mecanismos de exclusão e combatê-los, sendo esses conceitos: o androcentrismo, o patriarcado, o sexismo e, finalmente, o gênero.

Na década de 80 o feminismo toma uma grande proporção e atinge o status acadêmico. Esse feminismo se torna diversificado e reconhece as diferentes lutas das mulheres, frente a um feminismo que anteriormente era formado por mulheres brancas de classe média. Aqui temos o reconhecimento das categorias que diversificam essa luta, tal como raça, classe e gênero. Hoje, devemos compreender a pluralidade do feminismo e suas diferentes vertentes. Mesmo que essa seja uma luta por igualdade de direitos, ele se divide em lutas de coletivos de mulheres a partir do seu lugar de fala frente as categorias de gênero, classe e raça. Compreender essa diferença é importante para que possamos reconhecer a luta de cada grupo de mulheres. Esse reconhecimento permite que mais mulheres sejam atingidas a partir da democratização do acesso à informação.

O feminismo possibilitou a crítica aos modelos de dominação e subordinação da mulher, demonstrou as desigualdades sociais entre homens e mulheres no acesso ao direito à educação, ao voto, ao patrimônio familiar, à justiça, ao trabalho, a bens materiais etc.; questionou as representações acerca do “ser mulher” e do “ser feminino” (FURLANI, 2016, p. 58).

De fato, a equidade entre os gêneros ainda não foi alcançada, a violência ainda é um tema presente no nosso cotidiano, assim como a discriminação e o racismo. Por isso o feminismo ainda é tão presente e se faz cada vez mais necessário na sociedade, como um movimento que segue lutando para que as mulheres sejam livres e possam definir suas identidades e suas escolhas.

Nos estudos que dizem respeito à categoria de gênero é indispensável desconstruirmos as oposições binárias, assim como masculino/feminino. Para Scott (1995), é repetido o pensamento polarizado sobre os gêneros, no qual a sociedade encara homens e mulheres como polos opostos, ocorrendo uma relação de dominação/submissão. Sendo assim, é preciso questionar esse caráter binário, considerando que ao exaltar as diferenças entre os seres, o que é reivindicado é que tais sujeitos sejam reconhecidos em suas singularidades. O determinismo biológico foi por vezes usado para que as desigualdades entre homens e mulheres fossem justificadas e aceitas. Dessa forma, segundo Rossini:

Gênero é um conceito que identifica o tipo de relação social que se estabelece entre homens e mulheres, determinada pela cultura em que vivemos. As relações de gênero são socialmente construídas e, como tal, específicas de cada formação social que por sua vez sofre alterações econômicas e culturais. O termo sexo é diferente de gênero, pois diz respeito às diferenças biológicas ente homens e mulheres. Igualdade e equidade de gênero, quando falamos em igualdade de gênero, estamos aplicando essa definição às relações sociais entre mulheres e homens. Nesse sentido, a igualdade de direitos de oportunidades e acesso aos recursos bem como a distribuição equitativa das responsabilidades relativas a família são indispensáveis ao bem estar social. Equidade de gênero refere-se a igualdade de oportunidades, ao respeito pelas diferenças existentes entre homens e mulheres e as transformações das relações de poder que se dão na sociedade em nível econômico, social, político e cultural, assim como a mudança das relações de dominação na família, na comunidade e na sociedade em geral. Preconceito de gênero chamado também de sexismo, o preconceito de gênero é uma atitude social que diminui ou exclui as pessoas em geral as mulheres, de acordo com o seu sexo. Relacionado ao pensamento e aos hábitos individuais e sociais, envolve atitudes que afetam o comportamento e, frequentemente, nem são percebidas (2006, p.18).

As diferenças sexuais entre mulheres e homens de fato existem, mas o gênero que falamos aqui está para além do significado biológico, mas sim imerso em um cenário político e identitário. A partir disso, é necessário olharmos para a importância das questões de gênero no currículo da educação básica, para quebrar com padrões impostos pela sociedade e dar espaços para os outros sujeitos, que são considerados invisíveis dentro desses espaços, é necessário que a formação docente prepare as futuras

e os futuros profissionais para uma prática crítica que esteja apta a discutir e questionar o papel dos estudos de gênero na sociedade. É necessário não apenas questionar o que é ensinado dentro das escolas, mas também a forma como nós, professoras e professores, ensinamos e como somos formadas/dos.

Destacamos ser fundamental o debate as pesquisas acerca destes temas e a necessidade de levar essas discussões para dentro das salas de aula da educação básica. De acordo com Louro:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos. (1997, p.58).

Ao inserir as discussões de gênero na escola e problematizar as relações de poder empregadas nesse lugar, dá-se espaço e visibilidade para as diferentes identidades, para que tais sujeitos possam se conhecer e se reconhecer. Consideramos a questão de gênero uma responsabilidade da escola e de seu papel social transformador. Para trabalhar a temática, podemos possibilitar a compreensão das complexidades humanas utilizando o gênero como tema transversal. Nesses estudos é possível trazer para a educação escolar temas que tragam reflexões sociais.

Por serem questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. São debatidos em diferentes espaços sociais, em busca de soluções e de alternativas, confrontando posicionamentos diversos tanto em relação à intervenção no âmbito social mais amplo quanto à atuação pessoal. São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações macrossociais e também de atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e aprendizagem de conteúdos relativos a essas duas dimensões (MEC/SEF, 1998, p. 26).

Para Libâneo (2011), esse processo abarca um conjunto de processos, influências, estruturas e ações que influenciam a concepção do ser humano tanto individual, como coletivamente. Muitas vezes, observa-se um grande distanciamento entre a realidade vivida pelos/as estudantes e os conteúdos que são trabalhados nas diferentes áreas ou disciplinas presentes no currículo da educação básica.

Nessa perspectiva, consideramos ser um desafio trabalhar a diversidade cultural em nossas escolas, tendo em vista sua cultura homogeneizadora. Historicamente a escola vem sendo uma instituição utilizada para influenciar os comportamentos sociais das classes, dos gêneros, das faixas-etárias e dos grupos étnicos de acordo com as necessidades sociais de cada contexto. O processo de escolarização vem contribuindo para a naturalização de determinadas identidades forjadas no corpo social, que fazem parte de um espaço simbólico nos indivíduos e levam à imposição de determinados padrões de valores, comportamento, de beleza e formas de lidar com as sexualidades consideradas padrões nas sociedades. (MORAIS; VELANGA, 207, p. 307).

Ao pensar nos materiais que dão suporte para os aprendizados dentro da escola, percebemos que não é novidade que o livro didático é muito utilizado em sala de aula e que está disponível ao acesso dos/das estudantes. Com isso, é importante questionar como estão sendo veiculadas, neste material, as questões e conteúdos que envolvem a temática do gênero. É necessário que o/a professor/a esteja atento/a ao problematizar estas pautas que são atravessadas pelos livros didáticos. Esse material vem sendo examinado e questionado no que diz respeito às questões de gênero, questões étnicas e de classes também. Dentro deles pode-se observar dois mundos completamente distintos, o masculino e o feminino. Eles são representados por linguagens e imagens, dessa maneira os livros regulam e modelam os sujeitos em sala.

Nesse momento, compreendemos a importância da inserção dos estudos de gênero tanto na formação docente quanto na educação básica e como o feminismo como movimento é capaz de abarcar tais questões. É importante que os/as estudantes façam a leitura da sociedade a partir de uma perspectiva analítica e complexa das vivências humanas. Percebam que vivemos em uma sociedade baseada em relações que representam as reproduções sociais e os preconceitos historicamente construídos. Para reverter esta realidade, é fundamental que, na escola, sejam problematizados temas relacionados aos diferentes marcadores sociais, para que eles/

elas possam fazer uma leitura do mundo e construir uma consciência de que a sociedade é plural e diversificada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a conquista do voto, as mulheres vêm ganhando espaço em todas as esferas da sociedade, por mais que esses avanços ocorram de forma lenta, muitos passos já foram avançados e muitos espaços conquistados por elas. Assim como os estudos referente as mulheres, os estudos de gênero também estão cada vez mais presentes, tanto na sociedade, quanto nos espaços educativos, porém, ainda vemos grande resistência quando falamos em levar gênero para as salas de aula. Dessa forma, assumimos a importância das pesquisas referentes a esses temas e a necessidade de levar esses estudos para as mais diferentes áreas do ensino. É importante que a história do movimento feminista seja difundida, assim as diferenças de gênero passam a ser reconhecidas e as desigualdades diminuídas.

Ao trabalhar com essas discussões na escola e problematizar as relações de poder empregadas nesse lugar, dá-se espaço e visibilidade para as diferentes identidades, para que tais sujeitos possam se conhecer e se reconhecer. Trabalhar as relações de gênero é uma prática ainda pouco considerada pela escola. São essas convenções que decidem quem está incluso e quem está excluído do ambiente escolar. Com a análise desses campos de estudo na educação é possível constatar que os estudos de gênero e as questões que envolvem as mulheres são pautas cada vez mais presentes na sociedade. Apesar disso, vimos que essas discussões ainda encontram muitas barreiras para se inserirem nos espaços educativos.

A problematização e compreensão das relações de poder geradas a partir das relações de gênero permite que os/as estudantes reconheçam a existência de diferentes identidades, combatendo-se assim, as discriminações e corroborando para um ambiente menos desigual. Inserir as questões de gênero dentro dos espaços escolares vai de encontro com alcançar a equidade e o respeito aos direitos humanos na sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação . Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

FONSECA, João José Saraiva da. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta em respeito às diferenças.** 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo.** São Paulo: Claridade, 2011. HOOKS, Bell. Teoria feminista: **Da margem ao centro.** São Paulo: Perspectiva, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos.** 28.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e realidade.** V. 20, nº 2, 1995. Porto Alegre: UFRS, 1995, p. 71 a 97.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009. p. 31-42.

MORAIS, Lerkiane Miranda de; VELANGA, Carmen Tereza. Diversidade cultural na escola: desafios para a prática docente. **RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem-Estar.** Ano 1, Vol. I, Número 1, Jul-Dez, 2017, p. 299-321.

ROSSINI, Rosa Ester. **Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na infância e na Adolescência:** Guia Prático para Educadores e Educadoras. São Paulo: USP-CNPq-NEMGE, 2ª edição Revista e ampliada, 2006.